

ANTÍGONA: ENTRE ZAMBRANO E RICŒUR

ANTIGONE: BETWEEN ZAMBRANO AND RICŒUR

Antonia de Sousa Vieira Soares¹

Aluízio Oliveira de Souza²

Resumo

Em Zambrano, Antígona é reinterpretada por meio da razão poética, rompendo com a tradição ao negar seu suicídio e enfatizar seu sacrifício como escolha consciente, vinculada à lei do amor e à constituição de uma nova consciência. Os objetivos do artigo são: evidenciar, em Zambrano, o caráter trágico como elemento formador, no qual sofrimento, expiação e responsabilidade revelam dimensões profundas da condição humana; expressar, em Ricœur, a tragédia sob uma perspectiva hermenêutica-fenomenológica, na qual Antígona desenvolve o caráter inevitável dos conflitos morais e contribui definitivamente para a formulação da sabedoria prática. Metodologicamente, o texto adota uma análise interpretativa de base filosófica, articulando leitura hermenêutica de textos clássicos e contemporâneos com reflexão conceitual, especialmente nos campos da ética e da existência. A investigação mobiliza categorias como conflito, deliberação e agonística humana. Conclui-se que Antígona constitui um pensamento filosófico que articula dimensões pedagógicas, éticas e existenciais, evidenciando que o ensino deve incorporar o conflito como elemento formativo. Além disso, a condição trágica aparece numa convergência entre Zambrano e Ricœur a qual revela a necessidade de uma ética deliberativa capaz de orientar a ação humana diante das tensões inerentes à vida.

Palavras-chave: Antígona; Ricœur; Zambrano

Resumen

En Zambrano, Antígona es reinterpretada a través de la razón poética, rompiendo con la tradición al negar su suicidio y enfatizar su sacrificio como una elección consciente, vinculada a la ley del amor y a la constitución de una nueva conciencia. Los objetivos del artículo son: evidenciar, en Zambrano, el carácter trágico como elemento formativo, en el cual el sufrimiento, la expiación y la responsabilidad revelan dimensiones profundas de la condición humana; y expresar, en Ricœur, la tragedia desde una perspectiva hermenéutico-fenomenológica, en la que Antígona desarrolla el carácter inevitable de los conflictos morales y contribuye de manera decisiva a la formulación de la sabiduría práctica. Metodológicamente, el texto adopta un análisis interpretativo de base filosófica, articulando una lectura hermenéutica de textos clásicos y contemporáneos con la reflexión conceptual, especialmente en los campos de la ética y de la existencia. La investigación moviliza categorías como conflicto, deliberación y agonística humana. Se concluye que Antígona constituye un pensamiento filosófico que articula dimensiones pedagógicas, éticas y existenciales, evidenciando que la enseñanza debe incorporar el conflicto como elemento formativo. Además, la condición trágica aparece como un punto de convergencia entre Zambrano y Ricœur, lo cual revela la necesidad de una ética deliberativa capaz de orientar la acción humana frente a las tensiones inherentes a la vida.

Palabras clave: Antígona; Ricœur; Zambrano

¹ Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL/UFPI). Atua como pesquisadora no Grupo de Estudos em Hermenêutica de Paul Ricoeur (GEHR) desde 2015 e é membro fundadora da Rede Brasil Ricoeur. Orcid: 0000-0001-5931-984X <http://lattes.cnpq.br/0316809617853621>, e-mail: antoniamarianosoares@gmail.com

² Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL/UFPI). Bolsista CAPES, com participação em programa de intercâmbio em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica Argentina (UCA), em Buenos Aires, 2024. Pesquisador do Grupo de Estudos em Hermenêutica de Ricoeur (GEHR) desde 2020. Atualmente é Professor substituto no Instituto Federal do Piauí (IFPI). E-mail: aluiziosouza1983@gmail.com, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3594116254901941>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3925-3457>

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a questão do trágico a partir do pensamento da filósofa espanhola María Zambrano e do filósofo francês Paul Ricoeur. Para tanto, a fundamentação teórica baseia-se na obra *La tumba de Antígona* (1986), de Zambrano, e no *Interlúdio: o trágico da ação*, texto de Ricoeur incluído em *O si-mesmo como outro* (2014)³. No primeiro caso, trata-se da Antígona de Zambrano; no segundo, da Antígona em Ricoeur. Especificamente, parte-se da premissa de que o trágico oferece lições fundamentais ao confrontar o ser humano com situações-limite.

Embora apresentem interpretações distintas, os pensadores convergem ao questionar a tradição filosófica ocidental que, em sua busca pela racionalidade absoluta, tende a desconsiderar outros saberes. Enquanto Zambrano propõe a “razão poética”, Ricoeur toma a sabedoria prática como eixo central para a orientação das condutas éticas.

Zambrano oferece uma releitura do mito que subverte a narrativa sofocliana: para a filósofa, Antígona não morreu conforme narrado pela primeira versão. Logo no prólogo, a autora sustenta que a protagonista não cometeu suicídio em sua tumba, apresentando os fundamentos dessa tese. Por outro lado, Ricoeur utiliza o mito para promover uma aproximação com a teoria da ação no campo da moral e das discussões éticas.

Diante do exposto, levantam-se os seguintes problemas de pesquisa: em quais pressupostos Zambrano se baseia para afirmar que Antígona não morreu? Por que Ricoeur privilegia a figura de Antígona como prelúdio à sua ética? O artigo está dividido em três momentos.

No primeiro momento, apresenta-se o ponto de vista de Zambrano, com foco em sua defesa da sobrevivência de Antígona e de sua ida à tumba sem arrependimentos pelo ato em favor de seu irmão Polinices. Em seguida, o segundo momento, analisa-se a perspectiva de Ricoeur, tanto em uma ética pedagógica quanto em uma ética existencial, para, finalmente, promover o confronto entre ambos os pensadores nas considerações finais. Desse modo, a metodologia consiste em uma pesquisa bibliográfica pautada nas obras mencionadas e no apoio de comentadores, delineando um percurso poético-filosófico.

Na sequência, apresentam-se as posições de Zambrano e de Ricoeur acerca de Antígona. Nesse contexto, as distintas concepções filosóficas e metodológicas recorrem a duas preposições da língua portuguesa: “de” e “em”. A primeira integra a expressão “Antígona de”; a segunda, “Antígona em”. O “de” remete à construção narrativa filosófica da própria Antígona por Zambrano; o “em” refere-se à interpretação que Ricoeur desenvolve acerca da Antígona de Sófocles.

Antígona de Zambrano

Zambrano utiliza a imaginação poética para afirmar que Antígona não se suicidou como afirma Sófocles. Que ao caminhar em direção à tumba, Antígona reflete sobre a “vida não vivida” e, por essa razão, não teria motivos para tirar a própria vida. A interpretação de Zambrano rompe com as interpretações tradicionais.

³ Obra original em francês: *Soi-même comme un autre*, 1990.

No texto mencionado anteriormente, Zambrano nos transporta para o mundo da tragédia, levando-nos a refletir sobre a condição de Antígona, personagem dos escritos tebanos que desafia a tirania do rei Creonte, rompendo assim com uma estrutura patriarcal e abrindo espaço para uma nova consciência. O texto de Zambrano possui uma interpretação poética⁴ (uma poética que busca e tem em seu sentido a clareza) que vai além das interpretações clássicas desse mito e, segundo Sanchis (1994), essa interpretação lança luz sobre “a própria condição de vida da autora”.

“Nascida para o amor, fui devorada pela piedade” (Zambrano, 1986, p.8). Essa frase é ouvida por Zambrano, a voz da Antígona que soa em seus ouvidos une a pensadora com a personagem quanto ao momento de exílio do qual Zambrano estava passando. Na relação com o trágico, a dor e o sofrimento, a personagem ergue-se e assume as dores daqueles que ama.

A filósofa observa que Antígona nunca desistiu de suas responsabilidades, e apesar dos desafios, enfrentou-os e cumpriu seus compromissos até o fim. Mesmo “solitária, abandonada pela presença das divindades que sempre guiaram heróis e cidades, ela encontra no silêncio dessa ausência um refúgio para construir uma nova Antígona e, para isso, assume a tarefa de expiar por meio de seu próprio sacrifício” (Costa, 2020, p. 139). Ainda de acordo com Costa,

Antígona é aquela que sempre doou para os outros força e determinação de vida, mas não teve para si, direito de ser. Vivia para o pai cego, para o irmão insepulto, para o noivo, para a cidade. É somente nesse ínterim diante da morte que Antígona finalmente dispõe de tempo para si e o que faz disso demonstra a altivez de sua percepção. Ela encontra nas trevas, na escura tumba que a rodeia, nos outros personagens que a visitam e com ela dialogam, o reconhecimento de si mesma. No entanto, esse processo ocorre numa lenta expiação que leva consigo o destino de toda sua estirpe. Por isso seu sacrifício não é meramente individual e subjetivo, mas carrega as faltas de toda sua raça (Costa, 2020, p. 138).

Antígona é uma personagem em que sua vida já começa com o trágico: primeiro, o engano do pai, o suicídio da mãe e a anomalia constitutiva de sua família; depois, o exílio para cuidar de seu pai cego. Em outras palavras, Antígona é fruto da tragédia. Para Zambrano (1986), a tragédia tem como pano de fundo um ensinamento, mas para que isso aconteça, algo precisa se elevar, algo precisa surgir a partir do trágico, pois, caso contrário, seria apenas “uma história de catástrofe que, no máximo, exemplifica o colapso de um aspecto da condição humana, uma história que ocorreu” (Zambrano, 1986, p. 201, tradução nossa).

O ensinamento no caso de Antígona, na interpretação de Zambrano, é a coragem de enfrentar as leis impostas por Creonte, e justamente por essa coragem é que Zambrano defende que Antígona não se suicidou, pois na sua interpretação não seria possível que alguém que tenha enfrentado tantas adversidades tirasse a própria vida. Partindo desse pressuposto, a autora retoma o mito de uma forma poética, Zambrano descreve o que Costa (2020) chama de “entremeio” ou interseção, o momento em que a filósofa volta seu pensamento para imaginar o que a personagem Antígona vive enquanto fica presa ao seu túmulo.

⁴ “O poeta mantém-se vigilante entre o seu sonho originário – a raiz nebulosa – e a clareza que se exige. Clareza exigida pelo próprio sonho, que aspira a realizar-se por virtude da palavra poética” (Zambrano, 2008, p. 18).

Para Zambrano, o sacrifício de Antígona é uma escolha livre que representa o sentido que ela atribui ao seu modo de vida. Ainda segundo o pensamento de Zambrano, Antígona é uma personagem que carrega consigo uma pureza que transcende o gênero, e é essa pureza que liberta e purifica todo o mal cometido por Édipo à cidade (Zambrano, 1989, p. 202). Ao enfrentar a tirania de Creonte e encarar o caminho para o túmulo, Antígona une os três mundos - terra, céu e inferno - e essa ação de sacrifício é compreendida por Zambrano como o nascimento de uma consciência que posteriormente é vista pela filosofia⁵ como uma consciência que cobra a existência (Zambrano, 1986, p. 218).

A união dos três mundos, representada por Antígona, lança luz sobre as trevas da ignorância de Creonte. A coragem e a entrega total de Antígona, sem restrições e sem medo, refletem sua convicção em praticar uma ação mesmo sendo proibida pela lei da cidade. Geralmente, esse mito é interpretado como o confronto entre os direitos da família e os direitos da cidade, envolvendo aspectos morais e políticos. A filósofa ultrapassa esse limite com o conceito de razão poética⁶, “Zambrano argumenta que a razão baseada na lógica e na objetividade é insuficiente para abordar os problemas da realidade humana, isto é, para compreender suas dimensões afetiva, espiritual e existencial⁷”. (Brooks, 2025, p. 185, tradução nossa).

Em uma interpretação da leitura zambraniano, Sanchis (1994) afirma que Zambrano não resolve o paradoxo tradicionalmente colocado entre a lei natural e a lei positiva, mas conduz o leitor a outra lei: a lei do amor. Essa lei rompe com a antiga lei do terror, do medo que governava a cidade. De acordo com Sanchis, a antiga lei que renasce com Antígona na reinterpretação de Zambrano é a lei originária, anterior aos deuses, que é a lei do amor. Ao ser cumprida, os seres humanos ascenderão a outra vida (Sanchis, 1994, p. 78). Ainda sob a luz da interpretação de Sanchis, a Antígona de Zambrano reflete a própria vida da autora, que se viu sem pátria, sem lar, e assim como a personagem, foi enterrada viva com todos os seus desejos, fantasias e dúvidas. Restando-lhe o amor, que ela transforma em sua casa e em sua pátria.

Segundo Zambrano (1986), a atitude de Antígona representa as vítimas que, movidas pelo amor, passam pelo inferno, atravessam o fogo e descem ao abismo para que a luz resplandeça no coração fecundo, gerando vida e consciência. Essa postura surpreende o carrasco, pois, mesmo diante da morte, ela não recua nem manifesta medo, elemento este utilizado como arma para afrontar, manipular e subjugar o outro.

Com o comportamento de Antígona, nasce uma consciência que não oscila, mas sabe o que quer. Zambrano explica, contudo, que a pureza dessa consciência se perde ao longo do tempo ao aproximar-se do “eu empírico”, transformando-se em ego. Ao tornar-se ego, a consciência esquece sua originalidade e sua capacidade de refletir sobre os acontecimentos cotidianos que dão sentido e leveza à existência.

⁵ Zambrano considera a seguinte distinção: “*En la poesía encontramos directamente al hombre concreto, individual. En la filosofía al hombre en su historia universal, en su querer ser. La poesía es encuentro, don, hallazgo por gracia. La filosofía busca, requerimiento guiado por un método*” (Zambrano, 1996, p. 13).

⁶ “*Para la autora, la razón poética no es un simple método estético, sino una vía hacia un conocimiento profundo y revelador de la existencia humana, en lo que lo emocional y lo espiritual se integran al proceso del pensamiento*”. (Brooks, 2025, p. 186).

⁷ “*Zambrano sostiene que la razón basada en la lógica y la objetividad es insuficiente para abordar los problemas de la realidad humana, es decir, para comprender sus dimensiones afectivas, espirituales y existenciales*”. (Brooks, 2025, p. 185).

Para a filósofa, o nascimento dessa consciência é a raiz originária da tradição ocidental, que carrega em si a esperança de uma nova lei e constitui a paixão que preside a história. Zambrano identifica que o sacrifício de Antígona não é único na tradição ocidental, citando outras figuras como Sócrates, Jesus e Joana d'Arc. Entretanto, a tragédia grega de Antígona se distingue das demais: enquanto em outras narrativas os deuses agiam como mediadores entre o céu e a terra, no caso dela não houve intervenção divina. Antígona foi totalmente abandonada, tanto pelas divindades quanto pelos humanos.

Dessa forma, Antígona torna-se protagonista por si só, uma vez que sua pureza virginal lhe confere originalidade. Antígona não renuncia a suas convicções, mesmo mediante a ausência dos deuses. Conforme Zambrano (1986), o sacrifício de Antígona é consentido, ela como vítima é inteiramente passiva e paciente. Quando a vítima se oferece, corroborando com o sacrifício em sua total perfeição, o sofrimento torna-se o seu sentido, tornando-se uma expressão humanamente sagrada. Antígona, ao decidir enterrar o irmão, faz valer o direito aos ritos fúnebres, mesmo que ele seja considerado inimigo da cidade. Quanto à atitude de Creonte, prevalece o apego obstinado ao poder; sua tirania o impedia de avaliar com sabedoria a melhor decisão, tornando-o um ser impiedoso.

Portanto, trata-se de duas atitudes polarizadas: tanto Antígona quanto Creonte estão presos aos seus ideais. Contudo, o que deve ser levado em consideração, de acordo com o texto zambraniano, é a postura de Antígona que, embora ligada aos costumes, apoiava-se no cuidado e na compaixão. Ela desperta o novo, que resplandece em meio à *hýbris* para uma nova consciência.

Antígona em Ricœur

Paul Ricœur escreve o, *Interlúdio: O trágico da ação*, numa abordagem tanto a nível de uma hermenêutica do texto, quanto em uma hermenêutica da ação considerando o trágico. E neste escrito o filósofo francês desenvolve um estudo sobre a tragédia *Antígona* (1934) de Sófocles numa perspectiva hermenêutica-fenomenológica, contextualizada a partir do conceito de sabedoria prática e, conseqüentemente, reconfigurada no campo da ética.

No contexto de analisar, hermeneuticamente, uma tragédia grega, afirma Ricœur: “Diremos em breve por que, como Hegel, escolhemos *Antígona* em vez de, por exemplo, *Édipo Rei* para guiar esta instrução insólita da ética pelo trágico” (Ricœur, 2014, p. 277). Aqui é preciso pontuar algumas questões: primeira, Ricœur em sua interpretação segue a leitura de Hegel; segunda, *Antígona* é compreendida neste momento não como estética, mas no âmbito ético; terceira, essa ética deve ser considerada numa demonstração guiada pela concepção trágica.

No entanto, a tragédia ensina. E se escolhi *Antígona* é porque essa tragédia diz algo único sobre o caráter inelutável do conflito na vida moral e, além disso, esboça uma sabedoria – a sabedoria trágica de que Karl Jaspers falava? – capaz de nos orientar nos conflitos de natureza totalmente diferente, que abordaremos adiante, na esteira do formalismo em moral (Ricœur, 2014, p. 279).

Ricœur considera a abordagem ética precedente a concepção estética (aliado à dialética hegeliana) e defende a tese, agora seguindo o posicionamento de

Karl Jaspers⁸, de que uma sabedoria trágica (no âmbito do formalismo moral) pode oferecer orientações de condutas e comportamentos aos conflitos de natureza especificadas. A preocupação ricœuriana se voltava para determinados conflitos da vida moral, ou seja, pode-se dizer que o trágico de *Antígona* remete às questões dos “momentos trágicos da vida humana” (Souza, 2026, p. 80).

Por quê ou como se dá preferência de Ricoeur por *Antígona*?

Por que, apesar disso, nossa preferência recai em *Antígona*? Será porque sua vulnerabilidade de mulher nos comove? Será porque, sendo figura extrema da não violência em face do poder, só ela não cometeu violência contra ninguém? Será porque a “sororidade” revela uma qualidade de *philia* que não altera o *eros*? Será porque o ritual da sepultura comprova um vínculo entre vivos e mortos em que se revela o limite da política, mais precisamente o limite da relação de dominação, que, por sua vez, não esgota o vínculo político? [...] Em certo sentido, a própria *Antígona* restringiu às exigências fúnebres essas leis não escritas. Mas, ao invocá-las para fundamentar sua convicção íntima, ela estabeleceu o limite que denuncia o caráter humano, demasiado humano, de toda instituição (Ricoeur, 2014, p. 281-282).

Ricoeur, ao tratar de *Antígona*, apenas esboça alguns questionamentos, sem desenvolvê-los em uma discussão mais aprofundada, com o intuito de indicar o motivo de sua escolha pela personagem. No entanto, considera-se, aqui neste artigo, que esses apontamentos não foram elaborados por Ricoeur como um conjunto de questões fundamentais que merecem análise e problematização, uma vez que constituem indagações pertinentes à investigação, ao diálogo e à proposição filosófica.

É, justamente, na *Antígona* de Sófocles, que o filósofo francês destaca algumas questões as quais vamos tomar aqui, apenas de passagem, mas reconhecendo que precisam de uma análise sociológica, de uma abordagem jurídica e, conseqüentemente, de uma resignificação filosófica: a “vulnerabilidade de mulher”, a “violência em face do poder”, relação entre “*philia* e *eros*”, o “vínculo entre vivos e mortos” e “o vínculo político”. Ora, Ricoeur, embora tenha citado e pontuado esses temas, não os aprofundou nem os desenvolveu. A que se deve esse posicionamento?

Bem, segundo o próprio texto (a citação acima transcrita) de Ricoeur a motivação corresponde ao ato de que mesmo buscando respostas para questões íntimas e particulares, *Antígona* desnuda e denuncia o caráter significativamente humano. Mais do que suas vontades e seus interesses individuais (exigências fúnebres, preparações dos corpos mortos, últimas emoções com os irmãos e os sepultamentos dos corpos) a personagem explicita tocando no que é, necessariamente, presente na humanidade das pessoas.

Por conseguinte, a escolha de Ricoeur pela obra *Antígona* se dá por sua capacidade de expressar, discorrer, transcrever o sujeito humano. Diferentemente de *Édipo Rei* a qual é demonstrada toda uma carga mitológica de superação dos conflitos e dos limites humanos, em *Antígona* se evidencia as relações de limites e as mediações de conflitos, estritamente, no âmbito antropológico. Portanto, é na

⁸ Na análise de Ricoeur “o saber trágico”, desenvolvido por Jaspers, apresenta algumas particularidades conceituais/filosóficas, cabe aqui destacá-las: a transição, o movimento e a religião. Esse primeiro ponto indica que o saber trágico ainda não é o filosófico como verdadeiro, porém, está na direção da verdade, na orientação do verdadeiro, é a transição por conta dessa passagem de um lugar, do não ser para o ser, do não verdadeiro para o verdadeiro” (Souza; Carneiro, 2021, p. 29).

dimensão de uma ética humana, e não em uma posição da metafísica dos deuses, que Antígona busca resolução para os seus problemas.

Se a tragédia de *Antígona* ainda pode nos ensinar, é porque o próprio conteúdo do conflito – apesar do caráter perdido e não repetível do fundo mítico de que ele emerge e do ambiente festivo que cerca a celebração do espetáculo – conservou uma permanência indelével⁹. A tragédia *Antígona* toca naquilo que, na esteira de Steiner, pode ser chamado de fundo agonístico da provação humana, em que se defrontam interminavelmente homem e mulher, velhice e juventude, sociedade e indivíduo, vivos e mortos, homens e divindades (Ricoeur, 2014, p. 279-280).

Seguiu-se até este ponto com Ricoeur para demonstrar que o impacto filosófico da *Antígona* de Sófocles ao indivíduo humano aparece em pelo menos duas categorias significativas, a saber: o pedagógico e o existencial. Deste momento em diante propõe-se, então, uma reflexão que percorre um curso que vai *Do texto a ação* (1989), da teoria para uma prática, e, assim sendo, considera-se que *Antígona* possibilita uma pedagogia estritamente do ensino e realoca a existência na condição de agonia.

Mas, em um aprofundamento filosófico, o que é esse ensino pedagógico de Antígona? E do que se trata essa agonia existencial?

Ao ensino não cabe apenas a formalidade do cumprimento das leis, o exercício da moralidade nem as práticas jurídicas das normas. Faz-se necessário, inevitavelmente, o ensino das atividades de conflito, visto que a vida se encontra em constante tensão com “mundidade” (Heidegger, 2012), em relação com o mundo⁹, com o outro e consigo mesmo, tanto no âmbito da instituição familiar quanto nas instituições estatais. O conflito apresenta-se de modo recorrente e, de alguma maneira, exige mediações e conciliações para que não escale a níveis trágicos.

Por conseguinte, seguindo os apontamentos e as posições de Ricoeur em sua leitura de Antígona, de Sófocles, propõem-se aqui duas orientações de caráter estritamente filosófico.

A primeira é a ética-pedagógica, que consiste nas descrições formais (estruturas e organizações) e nas aplicabilidades empíricas (conteúdos e sensações) envolvendo o conceito de sabedoria prática. Sendo assim, a deliberação é a característica mais fundamental da sabedoria prática; isto é, o conceito remete, em sua aplicação reflexiva, ao ato de tomar decisões e fazer escolhas no ensinar. O ensino indica uma correspondência direta na qual o indivíduo possa deliberar de modo ético, seja em momentos singulares, difíceis ou trágicos (Souza, 2026). Que sejam sempre deliberações condicionadas às questões éticas de respeito, responsabilidade e justiça consigo mesmo, com o outro e com as instituições.

A segunda é a ética-existencial, a qual tem como proposta filosófica a discussão sobre o “fundo agonístico da provação humana”, descrito pelo filósofo francês. Trata-se do ponto em que se questionam as vulnerabilidades, os sofrimentos e as falibilidades da vida humana (da existência ou da vivência do ser humano). Indaga-se se são inerentes, constitutivos ou intrínsecos ao ser humano. Se assim for, em que medida? Em quais situações? Há alguma circunstância específica para a ocorrência de momentos trágicos (Souza, 2026)? São

⁹ “A questão munda ocupa o lugar da questão outrem. Ao mundanizar, assim, o compreender, Heidegger despsicologiza-o” (Ricoeur, 1989, p. 98).

questionamentos que não buscam resoluções absolutas nem respostas fixas, mas se apresentam em nível de reflexão e especulação.

Portanto, não se pode perder de vista a importância da contextualização das ações trágicas da vida humana e, conseqüentemente, de uma condução deliberativa da ética. A agonística humana ultrapassa as concepções médicas, psicológicas, psiquiátricas e sociológicas, cabendo ao pensamento filosófico a demonstração – isto é, a conjectura, a reflexão e a especulação – do ponto de inflexão que demanda profundidade na aplicação e na compreensão do sentido e, principalmente, do Ser (*ôntico*). Essas implicações são pontuadas e entram diretamente em conflito com as variações do mal: pecado, culpabilidade e morte (Souza, 2026). Por fim, a questão que aqui se defende situa-se no âmbito de uma análise em que a “conexão ontológico-existencial”¹⁰ se relaciona profundamente com as dores angustiantes da vivência dos seres humanos.

Considerações finais

Pensar a partir da tragédia implica refletir sobre as situações críticas da condição humana, marcadas pela dor e pelo conflito. Ao abordar poeticamente o mito de Antígona, Zambrano abre possibilidades para uma imaginação criadora que ultrapassa interpretações convencionais e tradicionalistas. A personagem desafia a ordem do rei para permanecer ao lado daqueles que ama, ou, mais amplamente, ao lado dos necessitados e sofredores. Desse modo, a leitura zambraniana permite refletir sobre as múltiplas “Antígonas” no mundo e no pensamento contemporâneo.

Nesse contexto, destaca-se especialmente a condição de muitas mulheres que vivenciam situações análogas à de Antígona, marcadas por diferentes formas de violência e constrangimento. Trata-se também das Antígonas que enfrentam regimes de opressão e lutam pela defesa de suas convicções e ideais. Assim como na interpretação de Zambrano, essas figuras fazem emergir uma nova consciência e atravessam o “vale da morte” sem temor.

Ao decidir enterrar o irmão, Antígona afirma o direito aos ritos fúnebres, mesmo quando este é considerado inimigo da cidade, evidenciando a primazia de vínculos éticos fundamentais sobre as imposições do poder político. Em contraste, a atitude de Creonte revela apego obstinado ao poder: sua tirania o impede de deliberar com sabedoria, convertendo-o em uma figura marcada pela inflexibilidade, pela ausência de piedade e pelo egocentrismo.

Embora a filósofa espanhola Zambrano e o filósofo francês Ricoeur desenvolvam leituras distintas de Antígona, este trabalho identifica e enfatiza pontos significativos de convergência entre ambos. Nesse sentido, destacam-se três eixos principais.

O primeiro refere-se à compreensão de que a mulher deve ser pensada filosoficamente para além de condicionamentos sociais, históricos e culturais. Tanto Zambrano quanto Ricoeur reconhecem que Antígona evidencia a importância da presença feminina no debate político e nas discussões jurídicas. Em Zambrano, essa dimensão ganha maior densidade, ao apresentar uma figura feminina que se afirma diante da lei, das autoridades e do Estado, superando medos, instabilidades e contingências; em Ricoeur, essa questão aparece de modo mais discreto, mas ainda relevante.

¹⁰ Martin Heidegger (2012, p. 1155).

O segundo eixo de convergência diz respeito ao estatuto do trágico como condição de possibilidade. Em Zambrano, o trágico assume um caráter formativo, no qual sofrimento, expiação e responsabilidade revelam dimensões profundas da existência. Em Ricœur, por sua vez, o trágico da ação é compreendido sob uma perspectiva hermenêutico-fenomenológica, evidenciando a inevitabilidade dos conflitos morais e articulando um percurso que vai da estética aristotélica à ética hegeliana, contribuindo para a formulação da noção de sabedoria prática.

O terceiro eixo refere-se à exploração das características fundamentais do humano em situações-limite. Em ambas as abordagens, não se trata de um testemunho egológico ou de uma experiência individual, mas de uma reflexão filosófica sobre a condição humana a partir da narrativa de Antígona. Nem Zambrano nem Ricœur se comprometem com uma sistematização existencialista estrita; antes, mobilizam elementos da existência para investigar os limites da compreensão da finitude humana, afastando-se da noção de um ego transcendental absoluto.

Conclui-se, portanto, que Antígona se configura como um paradigma filosófico capaz de articular dimensões pedagógicas, éticas e existenciais. Nesse horizonte, o trágico não apenas revela os conflitos inerentes à condição humana, mas também aponta para a necessidade de uma ética deliberativa, capaz de orientar a ação diante das tensões que constituem a própria existência.

Referências

BROOKS, Jelba. **Filosofia, arte y política: análisis del expresionismo y la tragedia de Antígona desde la razón poética**. Cadernos do PET Filosofia, Teresina, v. 15, n. 30, p. 184-199, 2025.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COSTA, Solange Aparecida. **O tempo do entremeio: a potência criadora da palavra poética em María Zambrano**. Synesis (ISSN 1984-6754), v. 12, n. 2, p. 127-143, 2020.

FUNES, Mariana. **Razão poética e mito em La tumba de Antígona de María Zambrano**. 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

MENDONÇA, Bijóias; MARIA, Ana. **Vergílio Ferreira e María Zambrano ou uma Estética do "Exílio"**. Philosophica: International Journal for the History of Philosophy, v. 12, n. 23, p. 69-85, 2004.

RICŒUR, Paul. **Do texto à ação: Ensaio de hermenêutica II**. Tradução de Alcino Cartaxo e M^a José Sarabando. Portugal: RÉ-S-Editora, 1989.

RICŒUR, Paul. **Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II**. Paris: Le Seuil, 1986.

RICŒUR, Paul. **Interlúdio: o trágico da ação**. In: RICŒUR, Paul. O si-mesmo como outro. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RICŒUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

- RICŒUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Le Seuil, 1990.
- SANCHIS, Jordi. Desde la tumba de Antígona. **Asparkía: investigació feminista**, p. 75-89, 1994.
- SÓFOCLES. **Antígona**, tradução francesa de P. Mazon, Les Belles Lettres, Paris, 1934.
- SOUZA, Aluizio Oliveira de; CARNEIRO, José Vanderlei. **A tragédia e o trágico da ação na ética hermenêutica de Paul Ricoeur**. *Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*, São Paulo: CEP/PUC-SP, v. 18, n. 1, p. 25-36, jan./jun. 2021.
- SOUZA, Aluizio Oliveira de. **Paul Ricoeur: A Noção de Sabedoria Trágica**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2026.
- ZAMBRANO, María. **La tumba de Antígona y otros textos sobre el personaje trágico**. *Língua*, v. 15, p. 95, 2013.
- ZAMBRANO, María. **La tumba de Antígona**. Ed. Anthropos. Barcelona. 1986.
- ZAMBRANO, María. **Filosofía y poesía**. 4. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- ZAMBRANO, María. **Poesia e metafísica**. Tradução de José Bento. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

Recebido em: 05/2026
Aprovado em: 05/2026